

Teoria dos Polissistemas e Pesquisa em Cultura¹

Itamar Even-Zohar

Tradução por Natália Regina Silva *

Sistema, ou melhor, pensamento relacional, tem proporcionado às ciências humanas ferramentas versáteis para economizar na análise de fenômenos sociossemióticos. Isso permitiu reduzir significativamente o número de parâmetros pressupostos para trabalhar em qualquer contexto dado, assim tornando possível se desfazer de enormes nomenclaturas e classificações intrincadas. Em vez disso, um conjunto relativamente pequeno de relações poderia ser hipotetizado para explicar uma vasta e complexa gama de fenômenos. Esse poder explicativo do pensamento relacional tem sido usado com algum sucesso em vários domínios das disciplinas sociossemióticas.

O poder do pensamento relacional não para, entretanto, no nível de análise de fenômenos “conhecidos”, que são basicamente explicativos. O mesmo também se situa e talvez, ainda mais intensamente, na habilidade de depreender objetos não assimilados, ainda desconhecidos, assim transformando-o em uma ferramenta de descoberta.

Ao hipotetizar uma relação como uma explicação para um objeto (uma entidade, um processo, etc.), o pensamento relacional pode chegar a pressupor a “existência” de alguns fenômenos que não foram reconhecidos anteriormente. Os procedimentos para chegar a tais conclusões são naturalmente menos adequados do que em disciplinas com capacidade de cálculo (como astrofísica ou mecânica quântica). Todavia, os primeiros pioneiros do pensamento relacional moderno têm usado por completo esse caminho quando sugeriram a fonologia para substituir a antiga classificação de sons. Através da hipotetização de relações entre sons, uma nova entidade surgiu, o fonema. A série de sons identificada ao longo de tantos séculos por gerações de gramáticos foi, então, transformada em algo desconhecido, em um conjunto de sons de oposição-dependência os quais foram, por muito tempo, considerados (e podem ser considerados dessa forma mesmo atualmente), como constructos puros, isto é, entidades que não podem ser diretamente observadas. Não obstante, nos anos 20, mais um passo foi dado por Sapir, que argumentou que um fonema não é apenas um constructo explicativo, mas também a real unidade cognitiva do som, ao invés do som *per se* (Sapir 1968 [1933]). Dessa forma, o que era um som “real” e o que era um som acidental trocaram de posições. O som tradicional se tornou acidental, enquanto o fonema foi analisado como o som real, a unidade de som analisada pelos aparatos cognitivos humanos.

O exemplo da fonologia, no entanto, não tem sido seguido pela maioria dos que trabalham com teorias de sistema. Dentre eles, o exemplo Saussuriano do xadrez parece ter sido mais inspirador. Nesse exemplo, o objeto do escrutínio é marcado para nós, e é inteiramente conhecido, pelas nossas tradições culturais estabelecidas. O que o pensamento relacional pode ter adicionado é uma versátil e econômica análise de xadrez, substituindo um conjunto infundável de descrições intrincadas. O mesmo se aplica a conjuntos mais complexos, como língua e literatura, e talvez também, sociedade e semiose em geral. Em todas essas abordagens, o pensamento sistêmico proporcionou uma melhor racionalização e, talvez, ferramentas mais sofisticadas. Todavia, a existência do objeto de estudo como tal não é contestada ou disputada, mas, ao contrário, é tida como certa.

A falta de disputa sobre o objeto é típica de grandes áreas das humanidades. Isso certamente tem dificultado, em minha opinião, práticas científicas nessas áreas. Pois, enquanto as ciências, em suas tentativas de desenvolver ferramentas explanatórias para a

natureza e a vida, têm procedido a constantemente modificar e substituir objetos de estudo na medida em que as hipóteses relacionadas a eles se desenvolveram, as humanidades ainda alimentam a crença de que as explicações podem mudar, mas os objetos podem permanecer os mesmos. Isso tem se tornado especialmente notável no estudo dos produtos e atividades humanos que ganharam status de cânone, e, assim, se estabeleceram como indispensáveis para as forças dominantes em várias sociedades. Estou me referindo principalmente às “artes”, isto é, pintura, música, literatura, teatro, dança etc.

O formalismo russo, mesmo em seu estágio inicial, demonstrou uma surpreendente quebra com essa tradição. Pois, ainda que sua visão tenha sido reduzida e textocêntrica, eles tentaram delinear um objeto completamente novo, o qual seria, ao mesmo tempo, a melhor hipótese explanatória fornecível, principalmente “literariedade” em vez de “literatura”. Esse passo, infelizmente nunca compreendido como merecido em termos metodológicos, ao menos abriu caminho para melhores tentativas e sinalizou a possibilidade de redefinir objetos, independentemente das instituições que podem ter sido estabelecidas para apoiá-los. A hipótese em si foi posteriormente rejeitada, e não necessitamos nos deter nisso.

O estágio posterior dessa tendência, que eu sugeri chamar “funcionalismo dinâmico” (os posteriores formalismo russo, estruturalismo tcheco, semiótica soviética etc.), através da ligação que o mesmo hipotetizou entre heterogeneidade do sistema e mudança, por um lado, e entre mudança e estrutura, por outro, também fez possível, ao menos desde Tynjanov, se desconectar inteiramente entre um conjunto manifesto de características e um conjunto de ações, as quais podem, eventualmente, ter se estabelecido como campo de ação em sociedade. A formulação de Tynjanov das fronteiras maleáveis da literatura como um campo de ação institucionalizado, onde as características específicas que operam em e por esse campo de ação, está constantemente mudando, o que tornou possível a liberação de um compromisso com objetos marcados pela instituição da sociedade.

A Teoria dos Polissistemas é basicamente uma continuação do funcionalismo dinâmico. Seu conceito de um sistema aberto, dinâmico e heterogêneo é, talvez, mais capaz de encorajar a emergência de condições favoráveis a fim de permitir o poder da descoberta do pensamento relacional. A disposição de considerar uma multiplicidade de parâmetros em qualquer instancia é definitivamente um procedimento o qual pode criar situações de impasse mais rapidamente do que é o caso em um pensamento de sistema estático. Tais situações de impasse são instâncias nas quais o poder explanatório ou o poder heurístico das relações concebidas é insuficiente porque as respostas que os mesmos permitem podem parecer muito limitadas.

Gostaria, assim, de argumentar que a Teoria dos Polissistemas tem tornado quase inevitável, já perto da sua origem embrionária nos anos 1920, o desenvolvimento de ferramentas conceituais para um grande complexo de fenômenos. Estou me referindo aqui, antes de tudo, aos trabalhos de Bogatyřev e Mukařovský na semiótica cultural, mas também a contribuições posteriores da Escola Moscou-Tartu. Não é de se espantar que todas as teorias da “literatura” foram substituídas muito rapidamente por teorias as quais almejam explicar as condições que permitem vida em sociedade de modo geral, das quais a produção textual é apenas uma faceta restrita, um fator. Não seria difícil esquematizar um itinerário conceitual bruto que leva do reconhecimento de produtos alternativos – uma suposição básica na história da literatura ou em qualquer outra atividade – a condições sob as quais produtores competitivos desejam tomar o controle da instituição de poder que os permite comercializar aqueles produtos que desejam promover. Assim, não é complicado investigar a fundo a fonte de poder desses produtos, os quais são alvo de disputas. Lotman

e a Escola Moscou-Tartu, apesar de ainda se moverem dentro dos limites de humanos enquanto leitores (embora como leitores do mundo, não apenas de textos), nos proporcionaram o conceito de modelagem de mundo, da semiosfera, os quais, juntos, constituem uma cultura, um conjunto de ferramentas de compreensão que permitem vida em sociedade.

Em resumo, o pensamento relacional, especialmente em conexão com sistemas dinâmicos, tem levado quase todos a estudarem a cultura como um sistema geral, um conjunto heterogêneo de parâmetros, com a ajuda dos quais os seres humanos organizam suas vidas. A abordagem semiótica, como desenvolvida da maneira mais sofisticada por pesquisadores como Lotman, Uspenskij ou Ivanov, é, no entanto, um só caminho aberto na junção do pensamento polissistêmico e de fenômenos semióticos hipotetizados. A máquina embutida da Teoria dos Polissistemas rapidamente sugere que a organização da vida pode não ser apenas uma questão de necessidade mais ou menos passiva por orientação, isto é, entendimento de mundo, mas, talvez mais convincentemente, uma questão de ação ativa, da qual o entendimento é somente um fator.

No nível meta-teórico, a questão se um suposto observável “pertence” a um determinado suposto conjunto (grupo, “campo”, ou “sistema”), ou é “relevante”, ou “relacionável” a isso, depende da nossa habilidade de hipotetizar uma “frutífera” (rede de) relações para o mesmo. Assim, o conjunto não é concebido como uma “entidade em realidade” independente, mas como dependente das “relações que alguém está preparado para propor”. Nenhuma teoria de sistema avançado aceita um conjunto *a priori* de “observáveis” para ser necessariamente, ou “inerentemente”, parte de “um sistema”. Defender a inclusão ou a exclusão de determinadas ocorrências do “sistema” não é um tema da análise sistêmica de um suposto conjunto de observáveis, mas é uma questão de maior ou menor “sucesso”, que pode ser alcançado por um procedimento *versus* outro, a partir de um ponto de vista de adequação teórica.

Naturalmente, a “adequação teórica” não é um conceito simples. Entretanto, o princípio geral normalmente seguido nessa questão é sucintamente formulado por Machlup:

A escolha entre tomar uma variável como exógena ou fazê-la endógena, uma variável determinada pelo sistema de funções, é uma questão de relevância e conveniência (Machlup, 1980, p.4)

As reais consequências dessa abordagem metodológica levam a um desenvolvimento na ciência, generalizado por Elias nos termos mais claros possíveis:

Acontece com certa frequência no desenvolvimento de uma ciência, ou de um de seus ramos, que um tipo de teoria que tem dominado a direção da pesquisa por algum tempo atinja um ponto no qual suas limitações se tornam aparentes. Começa-se a ver que um volume de problemas significativos não pode ser claramente formulado e nem resolvido com sua ajuda. Os cientistas que trabalham nesse campo começam, então, a procurar por um amplo enquadre teórico, ou mesmo outro tipo de teoria, que os permitirá resolver problemas além do alcance do tipo de teoria em voga (Elias, 1993, p.189).

Ao estudar cultura, estudiosos do funcionalismo dinâmico encontraram, acredito eu, esse “amplo enquadre teórico, ou mesmo outro tipo de teoria”, ao qual Elias se refere. Esse enquadre não oblitera as tentativas de melhor entender, descrever e analisar qualquer enquadre previamente organizado, se o último é analisado como fator de cultura. Em outras palavras, espera-se da abordagem polissistêmica servir como meio teórico para o

estudo da cultura, permitindo a ela desenvolver ferramentas versáteis que admitirão lidar com heterogeneidade e dinâmica juntamente com os mesmos princípios que têm levado ao avanço do enquadre cultural.

Polysystem Theory and Culture Research

Based on a paper delivered at the International Symposium, "Systems and Fields: Functionalist Approaches to Literature and Culture." Katholieke Universiteit Leuven, 19-20 April 1996. A slightly varying version published as part I of Even-Zohar, Itamar 1997. "Factors and Dependencies in Culture: A Revised Draft for Polysystem Culture Research." *Canadian Review of Comparative Literature*, Vol. XXIV, Number 1 (March 1997), pp. 15-34.

¹ Baseado no trabalho apresentado no Simpósio Internacional, "Systems and Fields: Functionalist Approaches to Literature and Culture" {Sistemas e Campos: Abordagens Funcionalistas para Literatura e Cultura (tradução nossa)}, na Katholieke Universiteit Leuven, entre os dias 19 e 20 de abril de 1996. Uma versão levemente distinta publicada como parte I de EVEN-ZOHAR, Itamar 1997. "Factors and Dependencies in Culture: A Revised Draft for Polysystem Culture Research" {Fatores e Dependências na Cultura: Um esboço revisado para pesquisa da cultura de Polissistemas (tradução nossa)}. *Canadian Review of Comparative Literature* {Revista Canadense de Literatura Comparada (tradução nossa)}, Vol. XXIV, Nº 1 (Março de 1997), p.15-34

* Graduada no Bacharelado em Tradução - Inglês/ Português pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2012-2016), atualmente cursando licenciatura em Letras/Inglês e suas respectivas literaturas na mesma instituição. A revisão da tradução foi feita pela aluna Isabella Schiavon Cordeiro, da mesma instituição.

REFERÊNCIAS

Elias, Norbert, and Eric Dunning 1993 <1986>. *Quest for Excitement: Sport and Leisure in the Civilizing Process*. Oxford: Blackwell.

Even-Zohar, Itamar. *Polysystem Theory and Culture Research*. In: *Papers in Culture Research*. Tel Aviv: Unit of Culture Research, Tel Aviv University, 2010.

Machlup, Fritz 1981. *Knowledge and Knowledge Production*. Princeton: Princeton University Press.

Machlup, Fritz. 1980. *Knowledge: Its Creation, Distribution, and Economic Significance*. Vol. 1: *Knowledge and Knowledge Production*. Princeton: Princeton University Press.